

RENATO LIMA FERREIRA SOBRINHO

**O que são bons pais e boas mães? Perceções sobre
atributos das figuras materna e paterna**

Orientadora: Professora Doutora Ana Beato

Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2022

RENATO LIMA FERREIRA SOBRINHO

**O que são bons pais e boas mães? Perceções sobre
atributos das figuras materna e paterna**

Dissertação defendida em provas públicas
para obtenção do Grau de Mestre no Curso
de Mestrado em Psicologia Clínica e da
Saúde, conferido pela Universidade
Lusófona de Humanidades e Tecnologias no
dia 31/01/2023, perante o júri, nomeado pelo
Despacho de Nomeação n.º: 376/2022, de 07
de Novembro de 2022, com a seguinte
composição:

Presidente: Prof^a. Doutora Bárbara Gonzalez

Arguente: Prof^a. Doutora Isabel Santos

Orientador: Prof^a. Doutora Ana Beato

Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2022

Agradecimentos

A concretização deste objetivo que muitas vezes pareceu distante e impossível, mas com o apoio de inúmeras pessoas está a concretizar-se, dentre estas pessoas professores, colegas, familiares e amigos, que de alguma maneira contribuíram para que eu concluísse mais esta etapa da minha vida.

À minha orientadora, Professora Doutora Ana Beato, pelo seu apoio e motivação neste projeto.

Às minhas colegas Júlia Marçal e Juliana Meira que estiveram comigo em todo o processo, e que de alguma forma colaboraram para meu crescimento pessoal e profissional.

A todos os professores e colegas da Universidade Lusófona, agradeço o privilégio de terem compartilhado todo o vosso conhecimento.

À minha família, à minha Mãe Vera Machado que mesmo do outro lado do oceano sempre se fez presente em todo o meu percurso académico, aos meus irmãos Janáina Ferreira e Thiago Ferreira, aos meus filhos Théo, Isadora e Gael Ferreira.

Resumo

As mudanças na estrutura social e familiar desafiam cada vez mais pais e mães no desempenho das suas funções parentais. Uma das principais consequências prende-se com as elevadas exigências colocadas aos pais que podem ter impacto no seu bem-estar e autoeficácia, e até na existência de algum criticismo relacionado com a forma como os pais desempenham esta “função”. Por sua vez, assiste-se ainda a uma desigualdade nas exigências e funções exercidas pelos progenitores do género feminino e masculino, com as mães tendencialmente mais afetadas por estas pressões sociais, associadas ao ser-se “boa mãe” e a receios de que não cumpram nem este papel. O presente estudo tem como objetivo explorar as percepções que pais e mães têm sobre o que para eles representa ser-se “bons” e “maus” pais e mães, separadamente, e verificar se existem diferenças nos atributos dos progenitores em função do seu género. Participaram no estudo 160 pais e mães, dos 18 aos 73 anos. A recolha foi feita através de questionário aplicado *online*, constituído por perguntas de resposta aberta, tendo-se realizado uma análise de conteúdo das respostas submetidas. Os resultados mais significativos encontrados para percepções sobre o que é uma boa mãe foi a categoria Suporte Emocional, sobre o que é uma má mãe a categoria mais referida foi Práticas Parentais Negativas. Para percepções sobre o que é um bom pai a categoria mais referida foi igualmente Suporte Emocional e para categoria sobre o que é um mau pai a mais referida foi Desinvestimento. Os resultados relativos às percepções sobre as mães aproximam-se do conceito de maternidade intensiva, enquanto as percepções sobre os atributos da figura paterna revelam uma evolução nas competências parentais com destaque para o suporte emocional. A mais-valia deste estudo é a de contribuir com novos conhecimentos e ferramentas relativos à parentalidade para serem utilizados em contexto terapêutico.

Palavras-chave: Percepções, bom pai, mau pai, boa mãe, má mãe, estudo qualitativo.

Abstract

Social and family structural changes are increasingly challenging fathers and mothers to perform their parenting roles. One of the main consequences is the high demand placed on parents, which may impact their well-being and self-efficacy, and even the existence of some criticism related to how parents perform this "function". In turn, there is also an inequality in the demands and functions performed by female and male parents, with mothers tending to be more affected by these social pressures associated with being a "good mother" and the fear that they will not fulfil this role. The present study aims to explore fathers' and mothers' perceptions of what "good" and "bad" fathers and mothers mean to them, separately, and to see if there are differences in parenting attributes by gender. 160 fathers and mothers, aged between 18 and 73 years old participated in the study. The data were collected using an online questionnaire with open-ended questions, and a content analysis of the answers was performed. The most significant results found for perceptions of what a good mother is, was the Emotional Support category, for perceptions of what a bad mother is the most mentioned category was Negative Parenting Practices. For perceptions of what a good father is the most mentioned category was also Emotional Support and for the category of what a bad father is the most mentioned was Disinvestment. The results regarding mothers' perceptions are close to the concept of intensive motherhood, while the perceptions of the father figure attributes reveal an evolution in parenting skills, especially emotional support. The added value of this study lies in contributing new knowledge and tools regarding parenting to be used in a therapeutic context.

Keywords: Perceptions, good father, bad father, good mother, bad mother, qualitative research.

Índice Geral

	Pág.
Introdução	9
O papel da mãe	11
.....	
O papel do pai.....	13
Envolvimento parental: As funções dos cuidadores	16
.....	
O Presente Estudo	17
.....	
Método	18
Participantes	18
Instrumentos utilizados	20
Ficha de dados sociodemográficos	20
Questionário	20
Procedimentos	20
Análise de conteúdo	21
Resultados	21
Perceções sobre atributos parentais positivos	23
Perceções sobre o que é uma boa mãe	28
Perceções sobre o que é um bom pai	29
Perceções sobre atributos parentais negativos	31
Perceções sobre o que é uma má mãe	34
.....	
Perceções sobre o que é um mau pai	35
Discussão	36
Contributos e	37
Implicações.....	
Limitações e Estudos Futuros	38
Referências	40
Anexos	47
Anexo 1.....	48

Índice de Tabelas

	Pág.
Tabela 1 – Caracterização sociodemográfica da amostra	19
Tabela 2 – Frequências absolutas e relativas das categorias e subcategorias sobre o que é ser uma boa mãe	28
Tabela 3 – Frequências absolutas e relativas das categorias e subcategorias sobre o que é ser um bom pai	29
Tabela 4 – Frequências absolutas e relativas das categorias e subcategorias sobre o que é ser uma má mãe	34
Tabela 5 – Frequências absolutas e relativas das categorias e subcategorias sobre o que é ser um mau pai	35

Índice de Quadros

	Pág.
Quadro 1 – Definição das categorias e subcategorias relativas às percepções positivas	26
Quadro 2 – Definição das categorias e subcategorias relativas às percepções negativas	33

Introdução

Todas as crianças precisam de cuidados permanentes para se desenvolverem de forma saudável (Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Infância - UNICEF, 2017). Para um desenvolvimento saudável é importante a presença dos pais, familiares e outros cuidadores, assim como de um ambiente que favoreça a promoção da saúde, boa nutrição e bem-estar, aspetos muito importantes para a proteção das crianças de possíveis ameaças e para o desenvolvimento de relações emocionalmente benéficas e responsáveis (Organização Mundial da Saúde, 2018). De acordo com a Convenção sobre os Direitos da Criança (Assembleia-Geral da ONU, 1989) os pais e a família constituem “o grupo fundamental da sociedade e o ambiente natural para desenvolvimento e bem-estar de todos os seus membros, em particular as crianças” (p. 1). Estudos demonstram que os pais apresentam um papel de suma importância na vida dos seus filhos, e que as práticas paternas “são duas vezes mais relevantes na predição da aquisição da aprendizagem inicial de uma criança do que por exemplo o estatuto socioeconómico da sua família” (UNICEF, 2017).

A paternidade resume a relação entre pais e filhos e este processo é muito complexo devido à influência que existe entre ambos, havendo assim inúmeras razões para que os pais se comportem da maneira que o fazem; estas influências referentes à paternidade ainda estão a ser estudadas e incluem características parentais, características da criança e características contextuais e socioculturais (Belsky, 1984; Demick, 1999).

A relação entre pai e filho não acontece de forma isolada, ela também sofre influência das características socioculturais, que incluem situação económica, religião, política, escola, bairro e suporte social. A cultura também influencia de forma direta os comportamentos parentais, e mesmo a parentalidade tendo como objetivo universal a promoção de competências para uma boa prática parental, estas competências variam de cultura para cultura (Tamis-LeMonda et al., 2008). Por exemplo quando pais descrevem objetivos e realizações, estes objetivos estão relacionados a conservar relações harmoniosas, integração em uma rede de relações sólidas, estas diferenças nos objetivos

dos pais são condicionadas pela cultura e pelo estatuto da imigração. O contexto é outra característica que influencia, tais como a vizinhança, escola e as redes sociais, entretanto nem sempre estes cenários incluem pais e filhos (Bronfenbrenner, 1979, 1989).

Segundo alguns autores, a parentalidade é um processo de desenvolvimento dos pais, mais do que um papel ou uma função (Daly, 2007). Segundo Verjus e Boisson (2004), ser pai não é um requisito biológico nem social, mas é fruto de um processo complexo de maturação psicológica que implica uma progressão no sentido de “tornar-se pai”, através de reorganizações psíquicas e afetivas (Lamour & Barraco, 1998). Segundo Houzel (1999) a parentalidade deve ser traçada em três eixos. O primeiro defende que o exercício da parentalidade inclui direitos e deveres jurídicos que todo progenitor assume quando nasce uma criança, envolvendo a obrigação de vigiar e proteger a educação e a saúde, e que só se altera perante decisão jurídica. No segundo a vivência da parentalidade é composta pelo que é sentido experimentado e vivido por todos aqueles que desempenham funções parentais. E o terceiro assume que a prática da parentalidade abrange as tarefas de ordem domésticas, de cuidado, de educação e de socialização, e também as interações fantasmáticas entre o progenitor e seus filhos. Todo este processo tem como objetivo cumprir a função dos pais/cuidadores junto a criança, nomeadamente a satisfação das necessidades físicas, afetivas, cognitivas, emocionais e sociais com vista a autonomização da criança.

Por sua vez, a forma como a parentalidade é percebida e vivenciada, depende de vários aspetos intrínsecos aos pais (e.g., género parental) mas também extrínsecos, sofrendo influência dos diferentes contextos em que a família se insere, tal como defendido no Modelo ecológico de Bronfenbrenner (1979).

O modelo ecológico de Bronfenbrenner analisa o papel das influências ambientais diretas e externas e indiretas junto com as relações vivenciadas ao do desenvolvimento da criança. As relações e influências se referem a família, professores, colegas, culturais e costumes. A teoria analisa o feito de cinco categorias principais do ambiente, que estão inter-relacionados entre si, os cinco níveis são: Microsistema – Relacionamentos imediatos (pais, irmãos, professores), influências bidirecionais (influências de pais para filhos e filhos para pais); Mesossistema – Interação entre as relações em torno da criança (irmão para amigos da criança e pai para influências do professor); Exossistema – Estruturas sociais formais e informais que podem ser uma influência indireta (vizinhança, relacionamento entre pais e chefes, media, jogos);

Macrossistema – Elementos culturais (status socioeconômico, etnia, localização geográfica) e Cronossistema – Todas as experiências que uma pessoa suportou ao longo de sua vida (eventos ambientais, grandes transições de vida e eventos históricos). Estes níveis de interligação surgem quando se é exposto aos diferentes ambientes no seu percurso de vida e irá afetar seu comportamento e sua tomada de decisão (Bronfenbrenner, 2005). Desde 2005 Bronfenbrenner enfatiza os processos de desenvolvimento humano e a sua função no meio ambiente, ao invés de centrar somente nos efeitos ambientais na vida das pessoas, renomeando a o modelo ecológico para modelo bioecológico. Por estes processos serem centrados mais na rede entre contexto (cultura e classe) ou aspetos do sujeito (gênero, crenças), com o de um determinado resultado por estar em contato com diferentes ambientes e pessoas. Bronfenbrenner queria uma abordagem mais holística, visando todos os sistemas na vida de uma criança que podem afetá-los e eles afetam seu ambiente, através das fases de desenvolvimento da sua vida. A teoria dos sistemas ecológicos analisa o raciocínio por trás das atividades que as crianças participam fora do ambiente escolar e como essas atividades desempenham um papel na sua formação e seu desenvolvimento positivo ou negativo ao longo da sua juventude (Bueno et al., 2015).

O papel da mãe

As mulheres da sociedade ocidental descrevem a maternidade como um objetivo de vida, através do qual se atinge a feminilidade (Chrisler, 2013). Num tempo em que predominou as normas de “maternidade intensiva”, agora anula-se que as mães sejam as únicas responsáveis nos cuidados com as crianças, ao colocar as necessidades das crianças à frente das suas (Hays, 1996; Liss et al., 2013a; Newman e Henderson, 2014). Estas regras e expectativas sociais influenciam de forma significativa o afeto, a cognição e o comportamento das pessoas (Cialdini e Trost, 1998). Ter capacidade para o cumprimento das normas de maternidade é de suma importância para afirmação de uma identidade social e central, e de sentido de realização própria (Gaunt, 2006; Turner et al., 1987). Cumprir com as normas sociais é sentir se inserida neste cenário, o que é importante para o sentimento de pertencer (Baumeister e Leary, 1995), havendo uma recompensa quando se enquadra e se adere as normas sociais e uma punição quando se discorda ou devia-se delas. Estudos mostram que mães receiam penalizações sociais, quando não atingem os elevados padrões de maternidade (Henderson et al., 2016; Liss et al., 2013b). A mães que trabalham e as mães que decidem não utilizar por completo a

licença de maternidade, são consideradas por outros como “má mãe” e como companheiras indesejáveis (Morgenroth & Heilman, 2017; Okimoto & Heilman, 2012). Apesar da maternidade gerar expectativas elevadas para as mães, gera também custos, as investigações mostram que o sentimento demonstrado por mulheres que se sentem pressionadas a serem mães perfeitas, estão relacionados com o aumento da culpa materna, menores crenças de autoeficácia, e maiores níveis de stress, mesmo quando estas mesmas mulheres não possuem crenças de maternidade intensiva (Borelli et al., 2017; Henderson et al., 2016; Rotkirch & Janhunen, 2010).

O esgotamento parental, está relacionado com o esgotamento emocional dos pais, distanciamento emocional dos seus filhos, e à diminuição dos sentimentos de realização e eficácia parental (Roskam et al., 2017). O que causa consequências graves para os pais, potencializando ideias suicidas, vícios, dificuldades dormir; bem como para o seu parceiro, com aumento de conflitos e distanciamento conjugal; e para os filhos, o aumento dos comportamentos negligentes e violentos com as crianças (Mikolajczak et al., 2018a). Até o momento a investigação que se refere aos antecedentes de esgotamento parental, tem focado em grande parte no nível individual e familiar. No individual os pais com maior grau de neuroticismo e evitação de apego e os pais com menos consciência, agradabilidade e inteligência emocional demonstram maior risco de esgotamento parental (Le Vigouroux et al., 2017; Mikolajczak et al., 2018b). No nível familiar, famílias disfuncionais, desorganizadas, conflituantes, e com menor acordo coparental e satisfação conjugal, estão relacionadas há um maior risco de esgotamento parental (Mikolajczak et al., 2018b). Estudos recentes demonstram que as mães revelam reações negativas à pressão para ser uma mãe perfeita, com um maior nível de stress ou sentimentos de culpa (Borelli et al., 2017; Henderson et al., 2016; Rotkirch & Janhunen, 2010).

A dedicação das mulheres em prol de uma excelente prática materna, se dá através de comportamentos maternalista, como forma de afirmar sua identidade materna (Gaunt, 2006). A guarda materna se refere ao comportamento das mulheres de limitar o envolvimento do pai nos cuidados doméstico e das crianças, se responsabilizando pela gestão destas tarefas, fazendo ela própria as tarefas, ou definindo ela própria os padrões em que as tarefas devem ser feitas, e refazendo as tarefas, mesmo após o seu parceiro já ter realizado a tarefa (Allen & Hawkins, 1999; Puhlman & Pasley, 2013).

Estudos referente a maternidade intensiva e pressão social para se desempenhar o papel de uma mãe perfeita, está concentrado na forma em que estes elevados padrões

maternos condicionam os resultados familiares e afetivo das mulheres e o seu bem-estar como um todo, as mulheres estão cada vez mais a combinar o trabalho e os papéis familiares (Cotter et al., 2008). O lado profissional e o familiar estão constantemente relacionados uma vez que as escolhas de um lado específico podem repercutir no outro e vice-versa (Bakker & Demerouti, 2013). Assim a pressão para ser uma boa mãe, cria uma tensão na balança do trabalho-família das mulheres, e consoante as suas escolhas, as mulheres podem diminuir suas ambições profissionais, de modo a satisfazer as elevadas expectativas da maternidade (Eccles, 1994).

Na maior parte da literatura em Psicologia, o foco tem-se centrado nas relações mãe e filhos, nomeadamente quando o impacto é negativo ou disfuncional, ou nas mães considerando o seu impacto no desenvolvimento da criança, ao invés das suas próprias experiências (Phoenix & Woollett, 1991). Uma das teorias mais relevantes e que formata um conceito mais amplo de maternidade é teoria da vinculação (Ribeiro & Sousa 2002). Bowlby (1953; 1988) descreveu o desenvolvimento da criança como uma ligação segura com o principal prestador de cuidados primários, isto é, a mãe, proporcionando-lhe segurança e disponibilidade. Por sua vez, Ainsworth et al. (1978) descreve como base segura, o espaço onde pais proporcionam tranquilidade, encorajamento e conforto emocional e físico. Ao longo da sua história, a Psicologia, como um todo, fomentou como relação de primeira importância aquela que se desenvolvia entre mãe e a criança, o que se verificou pelos inúmeros estudos conduzidos sobre desenvolvimento psico-emocional da criança (Parke, 1998). Nestas abordagens mais tradicionais o papel do pai era remetido para um papel de menor importância relativamente ao desenvolvimento infantil chegando, por vezes, a caracterizar o pai como ausente e distante (Gomes & Resende, 2004). Das várias abordagens da Psicologia foi a abordagem psicanalítica a que teve maior contributo na premissa de tornar a mãe uma personagem determinante na saúde ou na doença psíquica da criança (Grant, 2001).

A mãe moderna é confrontada com um conjunto contraditório de requisitos para ser uma “boa mãe”, a mãe atual deve ser a principal cuidadora dos seus filhos e deve encontrar a plena realização em tal papel (Badinter, 2003). No entanto, não deve ser sufocante e superprotetora, a boa mãe deve estar sempre presente para os seus filhos, mas ao mesmo tempo, deve fornecer um bom modelo, demonstrando autorrealização e satisfação no trabalho, deve produzir cidadãos independentes e bem fundamentados, mas também dar-lhes amor incondicional seja o que for que façam e seja qual for o

resultado (Dillaway, 2006). Estudos mostram que a mãe moderna e trabalhadora de hoje passa mais tempo com os filhos do que a mãe que ficava em casa nos anos 60 (Bianchi, 2000).

O papel do pai

O modelo com maior relevo na literatura foi desenvolvido por Lamb et al. (1985, 1987). O denominado Modelo do Envolvimento Paterno pressupõe que a dedicação do pai assenta em diferentes componentes: a acessibilidade (ou seja, a presença e disponibilidade física e psicológica do pai para se envolver na interação direta e indireta com os seus filhos), o envolvimento (ou seja, a experiência de contacto direto, prestação de cuidados, e interações partilhadas entre pai e filho de forma individualizada), a responsabilidade (ou seja, atividades que envolvam os cuidados diretos do pai e/ou garantia de recursos associados ao cuidado dos seus filhos), e outras qualidades (como o calor, apoio, controlo, monitorização). Outros modelos e autores (e. g. Torres et al., 2014) incluíram outras dimensões que abrangem formas de apoio indireto (por exemplo, apoio financeiro e fornecimento de meios de subsistência), e de apoio direto, que inclui processos aproximativos em relação à criança (por exemplo, prestação de cuidados e jogo).

É de suma importância o papel do pai no desenvolvimento da criança, e a relação entre ambos é um dos fatores determinantes para o desenvolvimento cognitivo e social, potencializando o processo de aprendizagem (Mahler, 1993). Diversos estudos mostram que as crianças com pais menos dedicados ao seu papel têm maior probabilidade de ter implicações adversas na escola, maior possibilidade de comportamentos delinquentes, e maior risco depressão, por outro lado existem também estudos que evidenciam benefícios para crianças com pais mais empenhados, evidenciando melhor desempenho escolar, maiores índices de autoestima e menor taxa de problemas comportamentais. (Flouri & Buchanan, 2003; Schoppe-Sullivan et al., 2004).

Como o conceito de família mudou nos últimos anos, mudou também o papel de pai. Nos Estados Unidos da América, por exemplo, três quartos dos pais americanos têm dois ou mais filhos biológicos, e três quartos das crianças americana vivem ou com os pais ou apenas com o pai (Monte, 2017). Os estudos de investigação em ciências sociais têm sofrido uma mudança de foco, deixando de se centrar tanto no modo como a ausência do pai pode interferir no desenvolvimento dos filhos, para incidir mais também

sobre os efeitos potenciais do envolvimento do pai no desenvolvimento das crianças, esta análise estuda o entendimento entre as teorias atuais e o desenvolvimento saudável dos filhos (Monte, 2017).

Pais e mães têm desempenhado diferentes papéis no sistema familiar (Finley et al., 2008). Entretanto, por mais que os papéis maternos estejam bem definidos, os papéis que os pais podem ter e a construção do vínculo paterno há muito que vem sendo alvo de discussão (Schoppe-Sullivan et al., 2004). As diferenças nestes papéis podem ser criadas pelas diferenças nas perspectivas referentes à cultura, assim como o que constitui um bom pai pode estar relacionado com ideologias culturais, familiares e históricas (Lamb & Tamis-LeMonda, 2004). Estudos tem mostrado que os pais podem ter a mesma competência que as mães na parentalidade direta (por exemplo, cuidados) e indireta (por exemplo, suporte financeiro) (Lamb, 2010).

Na sociedade moderna, com as mulheres a trabalhar cada vez mais fora de casa, assiste-se à necessidade dos pais se envolverem mais ativamente no crescimento e educação dos filhos (Pleck, 1997). Segundo um estudo de Parker e Wang (2013), o tempo passado com os filhos quase triplicou entre 1965 e 2011. Neste âmbito, os estudos mostram que cada vez mais a figura paterna passa mais tempo com os filhos, independentemente de as mães trabalharem ou não (Coltrane & Adams, 2001; Hofferth et al., 2002; Pleck & Masciadrelli, 2004). Ainda assim, é inquestionável que tendencialmente as mães continuam a dedicar-se mais à parentalidade em comparação com os pais (Pleck & Masciadrelli, 2004). Na sociedade ocidental, o "novo" pai tende a ser percecionado quer financeiramente responsável pelo(s) seu(s) filho(s), quer ativamente envolvido no cuidado prestado aos mesmos (Thompson & Walker, 1991). A literatura também representa frequentemente os pais como prestadores de apoio ou ajuda (Cancian & Olicker, 2000), remetendo-os para um papel secundário em relação às mães no que respeita ao envolvimento e responsabilidade (Arendell, 2000). No passado o papel do pai estava vinculado em garantir o suporte monetário e material, enquanto todos os outros cuidados como educação ou envolvimento eram remetidos para a mãe (Fogarty & Evans, 2009).

Os pais com maior envolvimento possuem as seguintes características: sensível, carinhoso, próximo, caloroso, reconfortante, encorajador e acolhedor (Allen & Daly, 2002). Estudos mostram que pais mais envolvidos na educação e vida dos filhos associam-se a um conjunto de efeitos positivos nos filhos, ainda antes do nascimento. No decorrer da gestação, o suporte ao parceiro está relacionado a menor taxa de

complicações na saúde materna e a resultados maternos e infantis com melhores índices, comparativamente aos resultados obtidos entre as mulheres que não possuem parceiro (Walsh et al., 2019).

Associados a esta linha de estudo, encontramos na literatura muitos trabalhos dedicados ao papel e/ou eficácia do pai no desenvolvimento da criança. O seu intuito é compreender qual a contribuição única e específica da figura paterna nos processos de desenvolvimento e de socialização dos filhos, independentemente do papel da mãe e em articulação com ela (Tamis-LeMonda et al., 2004; Wood & Repetti, 2004). Muitos destes estudos procuram perceber qual a sua influência na coparentalidade, em termos de esforços de cocriação; a chamada "tag-team" de paternidade (Dienhart, 2001).

A maior parte destas linhas de literatura sobre o envolvimento parental e contribuição do pai no funcionamento infantil centra-se na qualidade e na eficácia do papel do pai, levantando-se frequentemente a questão do que significa ser um bom pai. A literatura foca muitas vezes o desempenho do papel de pai, incluindo a avaliação de variáveis unidimensionais como a sua contribuição financeira ou o tempo passado com as crianças, até avaliações de um conjunto mais alargado de características e competências académicas, emocionais, cognitivas, comportamentais e sociais (Tamis-LeMonda & Cabrera, 2002).

Na Europa, países como a Noruega e Suécia têm políticas de igualdade de género nas relações em família desde há quase 40 anos, e evidenciam que implementar estas políticas potencializa um aumento significativo do bem-estar de mães, pais e crianças, quando os pais estão envolvidos com a paternidade, as mães relatam estar menos sobrecarregadas, felizes em suas relações conjugais e com melhor saúde mental (Carmo et al., 2021) Estudos quantitativos e qualitativos, demonstram que os pais envolvidos com a paternidade relatam estar mais atentos aos cuidados de saúde e satisfeitos com as suas vidas (Barker & Aguayo, 2012).

Envolvimento parental: As funções dos cuidadores

Independentemente do género parental, alguns autores salientam a importância do envolvimento direto por parte dos cuidadores (Pleck, 2010), que se caracteriza, por um lado, por atividades de envolvimento positivo (isto é, tempo partilhado em interações que facilitam a aprendizagem e o desenvolvimento) e, por outro lado, pela qualidade parental (isto é, a forma de envolvimento e tipologia de modelo parental) tal como sugerido por McWayne et al. (2013).

Palkovitz (1997), reconhecendo a necessidade de uma abordagem multidimensional da parentalidade, identificou quinze categorias principais de envolvimento parental: 1) comunicação que inclui a demonstração de afeto através de diálogo e escuta; 2) instrução que pode passar por inverter papéis, disciplinar, encorajar os interesses e passatempos; 3) monitorização, que significa prestar atenção ao afazeres escolares e aos amigos; 4) processos mentais, que implica preocupar-se, planejar, meditar; 5) tarefas concretas como levar a criança a sítios onde precisa de ir, adquirir os bens necessários; 6) prestação de cuidados, tais como: alimentos, higiene, cuidado na doença; 7) manutenção relacionada com a criança como cozinhar; 8) partilha de interesses, como ler em conjunto, desenvolver competências; 9) disponibilidade que inclui participar em/liderar atividades, passar tempo juntos; 10) planeamento de eventos e outras atividades; 11) atividades partilhadas, como ir às compras, brincar, fazer um trabalho conjunto; 12) recursos materiais como garantir a habitação, vestuário, alimentação, saúde; 13) carinho que passa por dar abraços, carícias, cócegas; 14) proteção que inclui a monitorização e garantia de segurança da criança, e 15) apoio emocional, tal como incentivar a criança, investir nos seus interesses).

Exercer a parentalidade como uma extensão do vínculo dos pais na prestação de cuidado, criação e educação dos filhos, é um processo que se está a renovar, e é cada vez mais urgente o reconhecimento da importância do papel de pai enquanto um legítimo co-cuidador (Carmo et al., 2021).

O Presente Estudo

Face às mudanças constantes que vários autores têm vindo a identificar relativamente ao papel de mãe e, principalmente, ao papel de pai na educação, cuidado, acompanhamento, e desenvolvimento dos filhos, é de elevada importância aprofundar o tema da parentalidade no sentido de identificar as percepções associadas aos papéis destes na sociedade moderna e, deste modo, verificar se os papéis de mãe e pai se mantêm semelhantes aos do passado ou, se por sua vez, são encontradas mudanças nas práticas parentais. Neste contexto, o presente projeto tem como objetivo principal analisar através do método qualitativo, e em particular, da análise de conteúdo, as respostas dos pais em relação às suas percepções positivas e negativas relativamente aos atributos das figuras materna e paterna.

Método

Participantes

No presente estudo foi utilizada uma amostra não-probabilística com recolha *online*, do tipo *snowball*, sendo constituída por 160 participantes adultos. Destes, 75% são do género feminino ($n=120$) e a maioria encontra-se casado(a) ou em união de facto (83,1%). A idade média da amostra é de 40,98 anos (Min = 18 – Máx = 73, $DP = 10,2A$ maioria é de nacionalidade portuguesa (91,9%) e reside em Portugal (95%). Em termos do grau de escolaridade, 43,1% tem o 12º ano completo, assim como os seus companheiros ou companheiras (43,1%). Em relação ao número de filhos, todos os respondentes têm pelo menos 1 filho, sendo que o maior número de filhos apresentado é quatro. O número médio de filhos é de 1,61 ($DP = 0,72$). Em relação ao agregado familiar, é possível constatar que o número médio do agregado familiar é 3,34 indivíduos ($DP = 0,96$) e, na maioria dos casos, os filhos residem com ambos os pais (75,6%). Por fim, 49,4% dos respondentes mencionam que o seu agregado familiar apresenta um rendimento mensal até 1583,00€.

Tabela 1
Caracterização sociodemográfica da amostra

	Média	Desvio-Padrão	Mínimo	Máximo
Idade	40,98	10,293	18	73
Nº Filhos	1,61	0,728	1	4
Nº Agregado Familiar	3,34	0,965	1	7
Género	Feminino	75%		
	Masculino	25%		
Estado Civil	Solteiro/a	6,3%		
	Casado/a unido/a de facto	83,1%		
	Numa relação sem viver junto	3,8%		
	Separado/a-Divorciado/a	6,9%		
Nacionalidade	Portuguesa	91,9%		
	Brasileira	6,9%		
	Angolana	0,6%		
	Espanhola	0,6%		
País de Residência	Portugal	95,0%		
	Brasil	2,5%		
	Angola	0,6%		
	Alemanha	0,6%		
	Inglaterra	0,6%		
	Suíça	06%		
Filhos vivem com ambos os pais?	Sim	75,6		
	Não	24,4		
Grau de Escolaridade Completo		Respondente	Companheiro(a)	
	1.º ciclo do Ensino Básico (4.º ano)	0,6%	0,6%	
	2.º ciclo do Ensino Básico (6.º ano)	2,5%	5,6%	
	3.º ciclo do Ensino Básico (9.º ano)	15,6%	15,6%	
	Ensino Secundário (12.º ano)	41,3%	43,1%	
	Bacharelato/Licenciatura	32,5%	18,8%	
	Não se aplica		8,1%	
Rendimento Mensal	Abaixo de 416 € / mês	2,5%		

do Agregado Familiar	416 € e 833 € / mês	10,6%
	833 € e 1125 € / mês	11,3%
	1125 € e 1583 € / mês	25,0%
	1583 € e 2291 € / mês	22,5%
	2291 € e 2708 € / mês	12,5%
	2708 € e 3333 € / mês	7,5%
	3333 € e 4166 € / mês	5,6%
	4166€ e 8333€	1,3%
	Acima de 8333€	1,3%

Instrumentos utilizados

Ficha de dados sociodemográficos

A ficha de dados sociodemográficos contém questões de resposta aberta e fechada. Os dados sociodemográficos têm como objetivo caracterizar os participantes, o que inclui informações como género, idade, nacionalidade, país de residência, estado civil, grau de escolaridade; situação profissional; e profissão.

Questionário

Os questionários de autorresposta foram elaborados pelos investigadores, especificamente para este projeto, contendo perguntas abertas. As questões abertas permitem a identificação e avaliação de perceções, crenças, sentimentos e comportamentos dos participantes relativamente à sua visão sobre o que significa ser bom pai ou boa mãe, mau pai ou má mãe, e suas respetivas características. O questionário integral era composto por 17 questões, tendo uma média de aplicação de aproximadamente vinte minutos, explorando respostas emocionais e comportamentais mediante a perceção dos pais face às diversas situações que lhes são impostas socialmente enquanto pais e mães (ver Anexo 1). Destas perguntas, foram analisadas as seguintes⁶ questões: “O que significa para si ser uma boa mãe?”; “O que significa para si ser uma má mãe?”; “Quando pensa em características de uma boa mãe, que características lhe surgem imediatamente?”; “O que significa para si ser um bom pai?”; “O que significa para si ser um mau pai?”; “Quando pensa em características de um bom pai, que características lhe surgem imediatamente?”.

Procedimentos

Este estudo insere-se num projeto realizado ao longo do ano letivo de 2020/2021 sobre representações sobre parentalidade e mecanismos associados à adaptação à parentalidade. Os critérios de inclusão eram: 1) ser mãe ou pai biológicos; 2) ter idade igual ou superior a 18 anos; 3) residir em Portugal; 4) ter domínio da língua portuguesa (escrita e leitura) para garantir a capacidade de preenchimento da ficha de dados sociodemográficos e questionário de autorresposta.

O projeto teve aprovação da Comissão de Ética e Deontologia para a Investigação Científica (CEDIC) da Escola de Psicologia e Ciências da Vida (EPCV) da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa. O protocolo de investigação foi disponibilizado *online*, através da plataforma Typeform. A página inicial incluiu o consentimento informado (cf. anexo), dando a conhecer aos participantes o objetivo do estudo, a natureza voluntária da participação, o anonimato/confidencialidade da informação recolhida, fim a que se destina (tratamento estatístico) e a possibilidade de desistência sem qualquer questionamento por parte do investigador. O protocolo foi divulgado via *e-mail* e redes sociais.

Análise de conteúdo

Para analisar os dados qualitativos deste projeto, recorreu-se à análise de conteúdo. Para Bardin (1994) a análise de conteúdo não é uma técnica, mas um conjunto de técnicas de análise das comunicações. A análise de conteúdo segundo Cavalcante et al. (2014, p. 14) é composta por procedimentos sistemáticos que proporcionam o levantamento de indicadores (quantitativos ou não) permitindo a realização de inferência de conhecimentos”. Diversos autores abordam a análise de conteúdo utilizando procedimentos que passam por etapas bastante semelhantes, porém Bardin é a mais citada (Mozzato & Grzybovski, 2011). Quanto às diferentes etapas intrínsecas à análise de conteúdo, diferentes autores utilizam terminologias distintas, sendo elas muito semelhantes.

Neste estudo optou-se por catalogar as etapas da técnica, as quais foram organizadas em três fases: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação. De forma adicional, a unidade de análise considerada como portadora de sentido foi a frase, ou parte da frase (Bardin, 1994).

Numa primeira fase os dados foram integralmente analisados pelo autor e coordenadora do presente trabalho, tendo sido definidas um conjunto de categorias e subcategorias que emergiram da revisão sucessiva das referências. Foram consideradas

as respostas dadas a seis questões: “O que significa para si ser uma boa mãe?”; “O que significa para si ser uma má mãe?”; “Quando pensa em características de uma boa mãe, que características lhe surgem imediatamente?”; “O que significa para si ser um bom pai?”; “O que significa para si ser um mau pai?”; “Quando pensa em características de um bom pai, que características lhe surgem imediatamente?”.

Posteriormente a consistência das categorias e subcategorias foi testada com recurso a três juízes que codificaram as referências. O acordo interjuízes foi realizado ao nível das categorias para ser avaliado o grau em que dois codificadores independentes avaliam as características de uma mensagem obtendo o mesmo nível de concordância (Lombard et al., 2010). A taxa de fiabilidade relativamente aos códigos e categorias são os seguintes: 1. Boa Mãe – 88% (Muito Bom); 2. Bom Pai – 90% (Muito Bom); 3. Má Mãe – 84% (Muito Bom); e 4. Mau Pai – 85% (Muito Bom).

Resultados

Da análise de conteúdo realizada emergiram categorias e subcategorias referentes quer aos atributos positivos de pais e mães, quer atributos negativos de pais e mães. As categorias e subcategorias relativas às percepções positivas e negativas para pais e mães são descritas de seguida.

Percepções sobre atributos parentais positivos

A análise referente às percepções dos atributos e características de boas mães e de bons pais permitiu identificar quatro categorias, a saber, *Envolvimento*; *Suporte Emocional*; *Responsabilidades Parentais*; e *Coparentalidade*.

A categoria ***Envolvimento*** reflete a percepção genérica de que uma boa mãe e um bom pai são pessoas presentes na educação dos filhos, assim como pessoas com disponibilidade de tempo para partilharem momentos com as crianças. Dentro da categoria *Envolvimento* foi possível identificar quatro subcategorias: *Disponibilidade*, *Atenção*, *Presença* e *Dedicação*.

A subcategoria *Disponibilidade* revela a importância que os respondentes atribuem à disposição dos pais para exercer a parentalidade, isto é, a sua disposição para cumprir questões relacionadas com os filhos, para além de percecionarem as responsabilidades parentais como prioritárias. A subcategoria *Atenção* reflete a atenção plena dos pais para promover e se dedicarem de forma constante e coerente à promoção de uma boa relação com os filhos e, consequente, a sua dedicação no dia-a-dia ao ajustamento emocional dos mesmos. A subcategoria *Presença* foca a comparência dos pais na vida e na rotina dos filhos, isto é, uma assiduidade coerente nas atividades que envolvem a vida diária das crianças. A subcategoria *Dedicação* traduz a percepção

relativa ao envolvimento próximo nos diversos assuntos relacionados com a vida dos filhos.

A categoria ***Suporte Emocional*** reflete um estilo parental assente na importância da troca de experiências e afetividade entre pais (mãe e pai) e os seus filhos, com vista ao desenvolvimento de uma autoestima saudável, assim como de relações positivas, afetuosas e saudáveis. Dentro da categoria *Suporte Emocional* foi possível identificar sete subcategorias: *Afeto*, *Comunicação*, *Relação Positiva*, *Vinculação*, *Dimensão Lúdica*, *Tolerância* e *Compreensão*.

A subcategoria *Afeto* refere-se à expressão e troca de afetividade (amor, calor, carinho, companheirismo) e suporte emocional. A subcategoria *Comunicação* diz respeito aos atos de comunicar, interagir, escutar os filhos, assim como aos atos de se relacionar e orientar as crianças. A subcategoria *Relação Positiva* incide sobre a importância de se desenvolver um ambiente harmonioso, respeitoso e de interação que potencie o desenvolvimento da criança. A subcategoria *Vinculação* revela a importância da relação direta, precoce e contínua de laços afetivos e responsivos entre pais e filhos, a qual se desenvolve desde os primeiros anos de vida. A subcategoria *Dimensão Lúdica* foca o atividades de brincar e os jogos entre pais e filhos que contribuem para o desenvolvimento, crescimento e socialização das crianças. A subcategoria *Tolerância* revela a abertura para aceitar ideias, opiniões, atitudes ou comportamentos diferentes ou opostos aos dos pais. A subcategoria *Compreensão* diz respeito ao ato de compreender, entender ou assimilar temas e necessidades associados aos papéis parentais como resposta aos desafios emitidos pelos filhos

A categoria ***Responsabilidades Parentais*** incide sobre o papel dos pais na prestação de cuidados e no cumprimento das principais necessidades dos filhos. Dentro da categoria *Responsabilidades Parentais* foi possível identificar dez subcategorias: *Alimentação*; *Saúde*; *Educação, disciplinas e regras*; *Prestação de Cuidados*; *Suporte Financeiro*; *Preocupação*; *Proteção*; *Bom Modelo*; *Resiliente*; e *Autorregulação Parental*.

A subcategoria *Alimentação* foca a importância de facultar aos filhos uma dieta nutritiva e equilibrada para assegurar o bom desenvolvimento físico e psicológico. A subcategoria *Saúde* traduz a responsabilidade dos pais em assegurar todos os aspetos relacionados com a saúde física e mental dos filhos, incluindo a prevenção e tratamento de doenças. A subcategoria *Educação, Disciplinas e Regras* reflete a importância de se promover e motivar para educação baseada em princípios e valores familiares claros e

coerentes, com limites e regras igualmente clarificados como forma de fomentar a melhor socialização, autonomização e adaptação dos filhos. A subcategoria *Prestação de Cuidados* diz respeito aos cuidados primários para com os filhos na promoção do seu desenvolvimento social e cognitivo. A subcategoria *Suporte Financeiro* incide na responsabilidade dos pais em financiar ou cofinanciar os serviços e bens necessários para suprir as necessidades dos filhos. A subcategoria *Preocupação* foca o ato dos pais se preocuparem com aspetos relacionados com a parentalidade e investirem na melhoria do seu papel parental. A subcategoria *Proteção* refere-se à importância percebida acerca de atos de proteção, segurança, amparo e auxílio nas responsabilidades parentais. A subcategoria *Bom Modelo* relaciona-se com a importância do modelamento parental na aprendizagem social dos filhos. A subcategoria *Resiliência* tem subjacente a importância de ser capaz de desenvolver um relacionamento saudável e afetuoso, mesmo perante momentos de stress, dificuldades pessoais, profissionais, de saúde, etc. A subcategoria *Autorregulação Parental* respeita à importância de os pais serem capazes de regular e gerir as suas emoções e sentimentos e evitar respostas emocionalmente reativas e consequentes comportamentos desajustados.

A categoria ***Coparentalidade*** concerne à partilha das responsabilidades parentais entre pais e mães, de modo que ambos participem na educação e cuidados aos filhos. Dentro da categoria *Coparentalidade* foi possível identificar duas subcategorias: *Partilha de Deveres*; *Apoio ao/à Parceiro/a*.

A subcategoria *Partilha de Deveres* incide sobre a importância de dividir com o outro progenitor as responsabilidades parentais. A subcategoria *Apoio ao/à Parceiro/a* traduz a disponibilidade para comunicar, incluir, articular, dividir tarefas e/ou ajudar o/a parceiro/anão só relativamente às atividades parentais, mas também em outras atividades que não sejam da sua mútua responsabilidade.

O quadro seguinte resume as categorias e subcategorias relativas às percepções positivas que emergiram da análise de conteúdo, quando se avalia “o que é uma boa mãe” e “o que é um bom pai”.

Quadro 1

Definição das categorias e subcategorias relativas às percepções positivas

Categorias	Subcategorias	Excertos
Envolvimento	Disponibilidade	“Estar sempre disponível quando o filho necessita” (Mãe, 57 anos)
	Atenção	“Está atento” (Mãe, 51 anos)
	Presença Dedicação	“Estar presente” (Mãe, 41 anos) “Ser dedicado” (Pai, 39 anos)
Suporte Emocional	Afeto	“Dar amor e carinho” (Pai, 52 anos)
	Comunicação	“Boa ouvinte, boa comunicadora” (Mãe, 39 anos)
	Relação Positiva	“Ser amigo” (Pai, 43 anos)
	Vinculação	“Participar desde o início ativamente em tudo o que respeita aos cuidados do bebê” (Mãe, 51 anos)
	Dimensão Lúdica	“Brincar com eles” (Mãe, 43 anos)
	Tolerância	“Ser tolerante” (Pai, 46)
	Compreensão	“Ser compreensiva” (Mãe, 38 anos)
Responsabilidades Parentais	Alimentação	“Ajudar na alimentação” (Mãe, 45)
	Saúde	“Acompanhar o filho ao médico” (Mãe, 21 anos)
	Educação, Disciplina, Regras	“Participar na educação dos filhos (Pai, 39)
	Prestação de Cuidados	“É cuidar” (Mãe, 30 anos)
	Suporte Financeiro	“Apoia financeiramente” (Pai, 40 anos)
	Preocupação	“Ser preocupado com os filhos (Pai, 71 anos)
	Proteção	“Dar-lhe proteção” (Mãe, 30 anos)

Coparentalidade	Bom Modelo	“Transmitir valores” (Mãe, 43 anos)
	Resiliente	“Um pai que veja os filhos como obrigação deles é não apenas da mãe” (Mãe, 22 anos)
	Autorregulação Parental	“Ter paciência com os filhos (Pai, 47 anos)
	Partilha de Deveres	“Apoiar a mãe na educação do filho” (Mãe, 44 anos)
	Apoio ao Parceiro/a	“Quando ajuda a criança e a mãe” (Mãe 35, anos)

Percepções sobre o que é uma boa mãe

A Tabela 2 revela que a categoria mais indicada foi o *Suporte Emocional* (92,5%) quando se trata a avaliar uma “boa mãe”, com maior contributo da subcategoria *Afeto* (76,3%). Quanto à segunda categoria mais referida podemos foi *Responsabilidades Parentais* (73,8%), sendo que a subcategoria que mais contribui para esta categoria foi *Educação, Disciplina, Regras* (41,9%). A terceira categoria mais referida foi o *Envolvimento* (60%), com maior contributo da subcategoria *Atenção* (23,8%).

Tabela 2

Frequências absolutas e relativas das categorias e subcategorias sobre o que é ser uma boa mãe

Categorias	Subcategorias	n	%
Envolvimento n= 96 60%	Atenção	38	23,8
	Presença	34	21,3
	Disponibilidade	20	12,5
	Dedicação	14	8,8
Suporte Emocional n= 148 92,5%	Afeto	122	76,3
	Relação Positiva	37	23,1
	Comunicação	23	14,4
	Compreensão	23	14,4
	Tolerância	12	7,5
	Vinculação	10	6,3
	Dimensão Lúdica	8	5,0
Responsabilidades Parentais n= 118 73,8%	Educação, Disciplina, Regras	67	41,9
	Prestação de Cuidados	28	17,5
	Bom Modelo	25	15,6
	Preocupação	15	9,4
	Proteção	15	9,4
	Alimentação	4	2,5
	Saúde	3	1,9
	Resiliência	3	1,9
	Suporte Financeiro	2	1,3
	Autorregulação Parental	1	0,6
Coparentalidade n= 2 1,3%	Apoio ao/à Parceiro/a	1	0,6

Uma análise mais abrangente das categorias permite-nos verificar que os conteúdos das narrativas que estiveram na base da criação das categorias e subcategorias quando se avalia uma “boa mãe” centram-se, maioritariamente, na valorização da criança na interação que estabelece com a mãe. Neste cenário, os

respondentes consideram que a “boa mãe” deve focar a sua atenção na criança (*Atenção*), expressar afetos (*Afeto*) e promover uma boa educação baseada em disciplina e regras (*Educação, Disciplina, Regras*).

Percepções sobre o que é um bom pai

Pela análise da Tabela 3 é possível observar que a categoria mais indicada respeita ao Suporte Emocional, com 85,6% dos respondentes a referir esta categoria quando se trata a avaliar um “bom pai”. Ao analisar as subcategorias do Suporte Emocional, verificamos que é o Afeto a mais referida pelos respondentes (58,8%). A segunda categoria mais referida pelos respondentes é o Envolvimento (66,3%), sendo que a subcategoria que mais contribui para esta categoria é a Presença (41,3%). A categoria Responsabilidades Parentais (57,5%) é a terceira categoria mais referida, sendo que a subcategoria que mais contribui para esta categoria é a Educação, Disciplina, Regras (29,4%).

Tabela 3

Frequências absolutas e relativas das categorias e subcategorias sobre o que é ser um bom pai

Categorias	Subcategorias (códigos)	n	%
Envolvimento n= 106 66,3%	Presença	66	41,3
	Atenção	39	24,4
	Disponibilidade	16	10,0
	Dedicação	14	8,8
Suporte Emocional n= 137 85,6%	Afeto	94	58,8
	Relação Positiva	49	30,6
	Compreensão	19	11,9
	Dimensão Lúdica	18	11,3
	Comunicação	14	8,8
	Vinculação	10	6,3
	Tolerância	4	2,5
Responsabilidades Parentais n= 92 57,5%	Educação, Disciplina, Regras	47	29,4
	Prestação de Cuidados	29	18,1
	Bom Modelo	14	8,8
	Preocupação	8	5,0
	Proteção	7	4,4
	Suporte Financeiro	2	1,3
	Alimentação	2	1,3
	Saúde	2	1,3
	Resiliente	1	0,6
Coparentalidade Tem de n= 16 10,0%	Partilha de Deveres	12	7,5
	Apoio ao Parceiro/a	3	1,9

Uma análise mais alargada das categorias, permite-nos verificar que a maior parte dos respondentes identificaram subcategorias para a caracterização dos atributos de um “bom pai” centradas, maioritariamente, na valorização do acompanhamento próximo com a criança e valorização da qualidade da interação que estabelece com a pai, mas clarificando também limites e regras como princípios educacionais orientadores dos filhos. Neste sentido, os respondentes consideram que o “bom pai” deve estar presente no dia-a-dia da criança (*Presença*), expressar afetos (*Afeto*) e promover uma boa educação baseada em disciplina e regras (*Educação, Disciplina, Regras*), sendo a criança a principal beneficiária. Na avaliação do “bom pai” foi notória a menção dos respondentes relativamente ao papel deste na coparentalidade, isto é, no apoio à mãe em termos da educação dos filhos.

Percepções sobre atributos parentais negativos

A avaliação de uma má mãe e de um mau pai permitiu identificar três categorias, a saber, *Desinvestimento*; *Falta de Suporte*; *Estilos e Práticas Parentais Negativas*.

A categoria ***Desinvestimento*** reflete a percepção de que maus pais se caracterizam pelo distanciamento e pela falta de envolvimento na vida dos filhos. Dentro da categoria *Desinvestimento* foi possível identificar quatro subcategorias: *Ausência*; *Delegação de Responsabilidades Parentais*; *Despreocupação*; *Ausência de Coparentalidade*.

A subcategoria *Ausência* traduz a fraca presença ou mesmo ausência dos pais na vida e rotinas dos filhos, assim como a falta de acompanhamento assíduo das atividades das suas crianças. A subcategoria *Delegação de Responsabilidades Parentais* traduz os comportamentos de desresponsabilização em relação às tarefas e atividades que lhes cabe, delegando-as ao outro progenitor ou outras pessoas. A subcategoria *Despreocupação* traduz a falta de interesse e de preocupação relacionada com o exercício da parentalidade. A subcategoria *Ausência de Coparentalidade* refere-se à falta ou baixa cooperação entre os pais no desenvolvimento e nas rotinas dos filhos

A categoria ***Falta de Suporte*** reflete a percepção de que não apoiar os filhos a vários níveis (e.g., emocional, instrumental, financeiro) tem e terá um impacto negativo no desenvolvimento dos filhos. Dentro da categoria *Falta de Suporte* foi possível identificar três subcategorias: *Auto-centração*; *Falta de Suporte Financeiro*; *Falta de Afeto*.

A subcategoria *Auto-centração* reflete as atitudes e comportamentos dos pais que colocam as suas necessidades à frente das necessidades dos filhos. A subcategoria *Falta de Suporte Financeiro* refere-se à não contribuição monetária, de forma espontânea, para as necessidades dos filhos. A subcategoria *Falta de Afeto* refere-se à ausência de sentimento de partilha do pai para com os filhos, seja de amor, carinho ou amizade.

A categoria ***Estilos e Práticas Parentais Negativas*** incide sobre o clima relacional associado ao papel parental e sobre um conjunto de práticas que são utilizadas e incutidas à criança de forma geral e/ou em específicas de interação com os filhos. Dentro da categoria *Responsabilidades Parentais* foi possível identificar oito

subcategorias: *Abandono; Negligência; Irresponsabilidade; Mau Modelo; Autoritarismo; Maus-tratos; Défice de Competências; Permissividade.*

A subcategoria *Abandono* traduz o comportamento de deixar os filhos, sem proteção, atenção ou cuidados. A subcategoria *Negligência* refere-se à falta de cuidado, interesse e atenção para com os filhos. A subcategoria *Irresponsabilidade* foca a falta de comportamentos responsáveis com os filhos e com o outro pai. A subcategoria *Mau Modelo* refere-se às características de uma parentalidade negativa, assim como com comportamentos negativos dos pais perante os filhos e perante a sociedade. A subcategoria *Autoritarismo* respeita aos comportamentos dos pais que se impõem pela autoridade e controlo. A subcategoria *Maus-tratos* foca os comportamentos de agressividade, assim como comportamentos exagerados, e violência física e mental. A subcategoria *Défices de Competências* traduz a falta de capacidades físicas ou cognitivas para os pais exercerem a parentalidade. A subcategoria *Permissividade* respeita ao comportamento de tolerar, aceitar e permitir comportamentos desadequado dos filhos.

O quadro 2 resume as categorias e subcategorias relativas às percepções negativas que emergiram da análise de conteúdo, quando se avalia “o que é uma má mãe” e “o que é um mau pai”.

Quadro 2*Definição das categorias e subcategorias relativas às percepções negativas*

Categorias	Subcategorias	Excertos
Desinvestimento	Ausência	“Alguém ausente” (Mãe, 38 anos)
	Delegação de Responsabilidades Parentais	“Não cumprir com os seus deveres de pai” (Mãe, 73 anos)
	Despreocupação	“Despreocupado sobre a vida do filho” (Pai, 29 anos)
	Ausência de Coparentalidade	“Não cumprir seus deveres como pai” (Mãe, 51 anos)
Falta de Suporte	Auto-centração	“Alguém que se preocupa mais consigo do que com os filhos” (Pai, 51 anos)
	Falta de Suporte Financeiro	“Não colaborando financeiramente” (Mãe, 29 anos)
	Falta de Afeto	“Pouco carinhosa” (Mãe, 41 anos)
Estilos e Práticas Parentais Negativas	Abandono	“Ausência por opção” (Pai, 46 anos)
	Negligência	“Ser negligente” (Pai, 56 anos)
	Irresponsabilidade	“Não ter responsabilidade” (Pai, 36 anos)
	Ser um mau Modelo	“Apresenta maus hábitos e maus princípios de vida” (Mãe, 61 anos)
	Autoritarismo	“Usar a autoridade para repreender” (Mãe, 42 anos)
	Maus-tratos	“Agressões, maus-tratos” (Mãe, 40 anos)
	Défice de Competências	“Não se interessar por nada referente aos filhos” (Mãe, 44 anos)
	Permissividade	“Ceder a tudo o que os filhos pedem. Seja em brinquedos ou em alimentos” (Pai, 46 anos)

Percepções sobre o que é ser uma má mãe

Pela análise da Tabela 4 é possível observar que a categoria mais mencionada foi a referente aos *Estilos e Práticas Parentais Negativas*, com 26,9% dos respondentes a referir esta categoria quando se trata a avaliar uma “má mãe”. Ao analisar as subcategorias de *Estilos e Práticas Parentais Negativas* verificamos que a *Negligência* e a *Permissividade* foram as subcategorias mais referidas pelos respondentes (ambas com 6,3%). A segunda categoria mais referida pelos respondentes foi o *Desinvestimento* (18,1%), sendo que a subcategoria que mais contribui para esta categoria foi a *Ausência* (7,5%).

Tabela 4

Frequências absolutas e relativas das categorias e subcategorias sobre o que é ser uma má mãe

Categorias	Subcategorias)	n	%
Desinvestimento n= 29 18,1%	Ausência	12	7,5
	Delegação das Responsabilidades Parentais	10	6,3
	Despreocupação	7	4,4
	Ausência de Coparentalidade	1	0,6
	Auto-centração	14	8,8
Falta de Suporte n= 22 13,8%	Falta de Suporte Financeiro	1	0,6
	Falta de Afeto	7	4,4
	Abandono	3	1,9
Estilos e Práticas Parentais Negativas n= 43 26,9%	Negligência	10	6,3
	Irresponsabilidade	2	1,3
	Mau Modelo	3	1,9
	Autoritarismo	1	0,6
	Maus-tratos	9	5,6
	Défice de Competências	9	5,6
	Permissividade	10	6,3

A análise das categorias permite-nos verificar que os relatos que estiveram na base da criação das subcategorias quando se avalia uma “má mãe” centraram-se, maioritariamente, ou em características pessoais da mãe, como ser “descuidada” e “despreocupada” (*Desinvestimento*), ou em práticas negativas como “ignorar e desprezar” as crianças (*Estilos e Práticas Parentais Negativas*). Porém, também é importante salientar que houve muitos menos respostas a esta questão quando comparada com as características de uma boa mãe.

Percepções sobre o que é um mau pai

Pela análise da Tabela 5 é possível observar que a categoria mais indicada é o Desinvestimento, com 60,6% dos respondentes a referir esta categoria quando se trata a avaliar um “mau pai”. Ao analisar as subcategorias do Desinvestimento verificamos que é a Ausência a mais referida pelos respondentes (46,3%). A segunda categoria mais referida pelos respondentes é Estilos e Práticas Parentais Negativas (42,5%), sendo que a subcategoria que mais contribui para esta categoria é a Negligência (10%).

Tabela 5

Frequências absolutas e relativas das categorias e subcategorias sobre o que é ser um mau pai

Categorias	Subcategorias	n	%
Desinvestimento <i>n= 97</i> 60,6%	Ausência	74	46,3
	Delegação das Responsabilidades Parentais	10	6,3
	Despreocupação	19	11,9
	Ausência de Coparentalidade	19	11,9
Falta de Suporte <i>n= 36</i> 22,5%	Auto-centração	21	13,1
	Falta de Suporte Financeiro	1	0,6
	Falta de Afeto	15	9,4
Estilos e Práticas Parentais Negativas <i>n= 68</i> 42,5%	Abandono	5	3,1
	Negligência	16	10,0
	Irresponsabilidade	7	4,4
	Mau Modelo	7	4,4
	Autoritarismo	5	3,1
	Maus-tratos	15	9,4
	Défice de Competências	14	8,8
	Permissividade	9	5,6

A análise das categorias permite-nos verificar que os relatos que estiveram na base da criação das subcategorias quando se avalia um “mau pai” centraram-se, maioritariamente, em características pessoais do pai, como estar “ausente” e ser “despreocupado” (*Ausência*), e pela falta de apoio prestado aos filhos, como seja pela baixa demonstração de afeto (*Falta de Afeto*). Comparativamente aos atributos negativos das mães, mais respondentes apresentaram características negativas dos pais do que das mães.

Discussão

Os papéis associados ao pai e mãe têm vindo a sofrer mudanças nas últimas décadas, pelo que se torna importante avaliar as percepções das pessoas da comunidade alargada sobre o que para elas significa ser-se uma “boa mãe” e um “bom pai”, assim como o contrário, sito é, ser-se “má mãe” e um “mau pai” à luz dos tempos modernos. É neste contexto que o presente trabalho de natureza qualitativa se propõe a recolher informação sobre as percepções associadas aos atributos parentais positivos e negativos mais valorizados, tanto da parte da mãe, como da parte do pai.

Os resultados demonstram, à semelhança das conclusões encontradas na literatura, que os grandes atributos positivos associados às percepções do que são bons pais/mães são o seu envolvimento, o suporte emocional, as responsabilidades parentais e a coparentalidade (e.g. Bulanda, 2004). Também relativamente aos atributos negativos, os participantes realçaram o desinvestimento, a falta de suporte e os estilos/práticas parentais negativos, o que se encontra alinhado com a literatura (e. g. Dienhart, 2001).

Quando se analisam as percepções relacionadas com a avaliação das mães os resultados indicam um alinhamento com o modelo intensivo de maternidade (Elliott et al., 2015). Neste estudo as “boas mães” são avaliadas como alguém que se deve dedicar de corpo e mente dos seus filhos, prestando-lhes todos os cuidados, atenção e apoio nas várias fases do desenvolvimento infantojuvenil, obtendo desse dever grande alegria e satisfação. Por sua vez, as “más mães” foram avaliadas não só como aquelas que negligenciam os seus deveres como mães e que maltratam os filhos, mas também aquelas “que se preocupam consigo” mesmas. O modelo de maternidade intensivo parece espelhar-se na elevada quantidade de atributos reportados para a figura materna, em comparação com os referidos para a figura paterna (Guendouzi, 2006). Tal como esperado e alinhado com a literatura, a mãe surge tipicamente associada a vários papéis e funções, com maior relevo para a dimensão do suporte emocional e afeto (Arendell, 1999). As mães acumulam também muitas outros atributos tais como responsabilidades parentais, com destaque para o seu papel central na educação, disciplina e regras, sendo eixos primordiais comportamentos maternalistas que afirmam a sua identidade materna (Gaunt, 2006).

No que respeita à avaliação de um bom pai, os resultados são semelhantes, ainda que tenha sobressaído a categoria envolvimento. Nesta linha de pensamento, à medida que a representação social sobre o “novo pai” vai sofrendo alterações, parece que cada

vez mais ele é visto não só como sendo financeiramente responsável pelos seus filhos, como também mais ativamente envolvido no cuidado e educação dos mesmos (Thompson & Walker, 1991). Se, por um lado, o suporte emocional é associado tanto a uma boa mãe, como a um bom pai, a percepção dos respondentes associa à boa mãe os cuidados da categoria responsabilidades parentais, possivelmente por todo o historial associado ao papel de mãe que perdurou ao longo de séculos. Quanto ao bom pai são a eles associadas as responsabilidades do envolvimento na vida das crianças, aspeto este que sugere uma mudança na visão do papel de pai, que nos tempos modernos se pretende mais ativo e presente (Bulanda, 2004; Marsiglio et al., 2000).

Em termos da avaliação dos pais, os respondentes tendem a avaliá-los numa conceção mais próxima do modelo extensivo (Christopher, 2012), no qual o pai é visto desejavelmente como mais presente e ativo na educação dos filhos (pai moderno). Deste modo o “bom pai” é aquele que presta atenção e dedicação aos filhos, para além de ser financeiramente responsável pelas crianças, responsabilidade que partilha com a mãe das mesmas (Marsiglio et al., 2000; Thompson & Walker, 1991). O “mau pai”, por sua vez, foi tido como alguém ou ausente e despreocupado, ou que apenas faculta o básico para assegurar as necessidades básicas das crianças, como seja pagar a pensão de alimentos.

Em termos comparativos as avaliações que recaíram sobre as mães, quer positivas, quer negativas, refletem o estereótipo tradicional do papel da mulher na família e na relação com os filhos, enquanto as avaliações sobre os pais aproximam-se de uma conceção social do “pai moderno” (Bulanda, 2004). Nesta linha de pensamento, é notória a diferença de critérios quando se avaliam as mães e os pais. Socialmente continua-se a privilegiar a conceção de mãe no seu papel tradicional de cuidadora e protetora dos filhos; mãe que coloca as necessidades dos filhos em primeiro plano e só depois as suas necessidades enquanto mulher e profissional. Por sua vez, a conceção do papel de pai tem vindo a sofrer alterações em termos sociais, o que é notório pela crescente importância que se lhe atribui enquanto agente ativo no processo de educação dos filhos.

Contributos e implicações

O presente estudo exploratório teve como principal contributo recolher representações sobre atributos parentais na atualidade portuguesa, que também contribui

para o enriquecimento da literatura sobre a parentalidade. Apesar de assumirmos que os papéis de género se têm vindo a assemelhar entre si, em termos de envolvimento parental e funções parentais, poucos estudos procuraram recolher as perceções e significações sobre este tema a partir dos discursos diretos das pessoas quando avaliam os atributos das figuras materna e paterna.

Os resultados do presente estudo e as conclusões nele tiradas podem ajudar o trabalho em contexto terapêutico, nomeadamente a Psicologia Clínica, uma vez que as novas realidades familiares (família monoparental, guarda partilhada, família homoparental, entre outras) desafiam as dinâmicas parentais atuais, as quais carecem de respostas eficazes e informativas que poderão ser facilitadas pelo terapeuta. No contexto clínico os terapeutas munidos de novos conhecimentos e ferramentas relativas à parentalidade poderão orientar os pais que necessitem de desenvolver competências parentais para potenciar um melhor desenvolvimento dos seus filhos quer no âmbito cognitivo, emocional, social e físico.

Limitações e estudos futuros

O presente trabalho apresenta algumas limitações cuja identificação pode contribuir para o desenvolvimento de novos estudos sobre o mesmo tema.

Uma das limitações do trabalho que apresentamos prende-se com as características da amostra do estudo, que para além de ser uma amostra de conveniência, não constitui uma amostra representativa da população. Apesar de ser difícil obter amostras representativas da população, é importante que estudos futuros sobre as perceções e práticas parentais incluam amostras de maiores dimensões e de outras zonas geográficas, não só em Portugal, como em outros países de modo a se compararem as perceções associadas ao pai e mãe em culturas diferentes.

Outra limitação do estudo prende-se com o facto da recolha dos dados ocorrer num momento único no tempo e não privilegiar um acompanhamento dos respondentes ao longo do tempo como acontece em estudos longitudinais, ou não especificar fases de desenvolvimento diferentes, já que os atributos parentais valorizados pelos respondentes poderão variar com a idade e necessidades dos filhos consoante a etapa de vida em que se encontram. Neste sentido, estudos longitudinais são uma mais-valia para não só avaliar as perceções relativas ao pai e mãe, como também para se avaliar a evolução destas perceções ao longo do tempo e do ciclo de vida dos respondentes. Este estudo também incluiu apenas pais e mães biológicos, não incluindo, portanto, outras

configurações familiares como famílias adotivas, famílias homoparentais, etc. No futuro, seria importante incluir esta diversidade e até mesmo conhecer as percepções de pessoas sem filhos.

Por fim, a forma como decorreu a recolha de dados pode ter influenciado a forma genérica com que as pessoas responderam às questões e, consequentemente, os resultados, já que decorreu online. Futuros estudos poderiam incluir quer outras formas de avaliação, tais como entrevistas, *focus-group*, ou medidas mistas, quer questões mais aprofundadas sobre estes temas (e.g., condições para o exercício da parentalidade, facilitadores e desafios à parentalidade, diferenças nos papeis de género associados à parentalidade, complementaridade e coparentalidade).

Referências

- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Lawrence Erlbaum.
- Allen, S.M., & Hawkins, A.J. (1999). Maternal gate-keeping: Mothers' beliefs and behaviors that inhibit greater father involvement in family work. *Journal of Marriage and the Family*, 61, 199–212.
- Allen, S., & Daly, K. (2002). *The effects of father involvement: A summary of the research evidence*. Father Involvement Initiative - Ontario Network.
- Arendell, T. (2000). Conceiving and investigating motherhood: The decade's scholarship. *Journal of Marriage and the Family*, 62 (4), 1192–1207. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2000.01192.x>
- Bardin, L. (1994). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Badinter, E. (2003). *Fausse Route*. Odile Jacob.
- Bakker, A. B., & Demerouti, E. (2013). The spillover-crossover model. In J. G. Grzywacz & E. Demerouti (Eds.), *New frontiers in work and family research* (pp. 55–70). Psychology Press.
- Barker G., & Aguayo F. (2011). Masculinidades y políticas de equidad de género: reflexiones a partir de la encuesta, imagens y una revisión de políticas en Brasil, Chile y México. Profundo.
- Baumeister, R. F., & Leary, M. R. (1995). The need to belong: Desire for interpersonal attachments as a fundamental human motivation. *Psychological Bulletin*, 117(3), 497–529. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.117.3.497>
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development*, 55(1), 83–96. <https://doi.org/10.2307/1129836>
- Bianchi, S.M. (2000). Maternal employment and time with children: Dramatic change or surprising continuity?. *Demography*, 37, 401-414.
- Borelli, J. L., Hong, K., Rasmussen, H. F., & Smiley, P. A. (2017). Reflective functioning, physiological reactivity, and overcontrol in mothers: Links with school-aged children's reflective functioning. *Developmental Psychology*, 53(9), 1680–1693. <https://doi.org/10.1037/dev0000371>

- Bowlby, J. (1953). Some pathological processes set in train by early mother-child separation. *Journal of Mental Science*, 99, 265–272. <https://doi.org/10.1192/bjp.99.415.265>
- Bowlby, J. (1988). *A secure base: Parent child attachment and healthy human development*. Basic Books.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Harvard University Press.
- Bronfenbrenner, U. (1989). Ecological systems theory. *Annals of Child Development*, 6, 187–249.
- Bronfenbrenner, U. (2005). The Bioecological Theory of Human Development. In U. Bronfenbrenner (Ed.), *Making Human Beings Human* (pp. 3-15). SAGE Publications.
- Bueno, R. K., Vieira, M. L., Crepaldi, M. A., & Schneider, D. R. (2015). Considerações epistemológicas da perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano sobre o envolvimento paterno. *Psicologia em Revista*, 21(3), 599-620. <https://dx.doi.org/DOI-10.5752/P.1678-9523.2015v21n3p599>
- Bulanda, R.E. (2004). Paternal involvement with children: The influence of gender ideologies. *Journal of Marriage and the Family*, 66, 40–45.
- Cancian, F. M., & Olicker, S. J. (2000). *Caring and Gender*. Rowman & Littlefield Publishers, Inc.
- Carmo, M. D., Moura, T., Batista, F., Rentzou, K., Serra, R., Batista, S., Moutinho, T., Prazeres, V., & Trikić, Z. (2021). *Manual Parent: Paternidades envolvidas e cuidadoras: da Teoria à Prática*. Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.
- Cavalcante, R. B., Calixto, P., Pinheiro, M. M. K. (2014). Análise de conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. *Informação & Sociedade: Estudos, João Pessoa*, 4 (1), 13-18.
- Chrisler, J. C. (2013). Teaching taboo topics: Menstruation, menopause, and the psychology of women. *Psychology of Women Quarterly*, 37(1), 128–132. <https://doi.org/10.1177/0361684312471326>
- Cialdini, R. B., & Trost, M. R. (1998). Social influence: Social norms, conformity and compliance. In D. T. Gilbert, S. T. Fiske, & G. Lindzey (Eds.), *The handbook of social psychology* (pp. 151–192). McGraw-Hill.

- Coltrane, S., & Adams, M. (2001). Men's family work: Child-centered fathering and the sharing of domestic labor. In R. Hertz & N. Marshall (Eds.), *Working families: The transformation of the American home* (pp. 72-99). University of California Press.
- Cotter, D., Hermsen, J., & England, P. (2008). Moms and Jobs: Trends in Mothers' Employment and Which Mothers Stay Home. In S. Coontz, M. Parson, & G. Raley (Eds.), *American Families: A Multicultural Reader* (pp. 379-386). Routledge.
- Demick, J. (1999). Parental development: Problem, theory, method, and practice. In R. L. Mosher, D. J. Youngman, & J. M. Day (Eds.), *Human Development Across the Life Span: Educational and Psychological Applications* (pp. 177-199). Praeger.
- Dienhart, A. (2001). Make room for daddy: The pragmatic potentials of a tag-team structure for sharing parenting. *Journal of Family Issues*, 22, 973-999.
- Dillaway, H. E. (2006). Good mothers never wane: mothering at menopause. *Journal of Women Aging*, 18 (2), 41-53. https://doi.org/10.1300/J074v18n02_04.
- Eccles, J. S. (1994). Understanding women's educational and occupational choices: Applying the Eccles et al. model of achievement-related choices. *Psychology of Women Quarterly*, 18(4), 585-609. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.1994.tb01049.x>
- Finley, G. E., Mira, S. D., & Schwartz, S. J. (2008). Perceived paternal and maternal involvement: Factor structures, mean differences, and parental roles. *Fathering: A Journal of Theory, Research, and Practice about Men as Fathers*, 6(1), 62-82. <https://doi.org/10.3149/fth.0601.62>
- Flouri, E., & Buchanan, A. (2003). The role of father involvement in children's later mental health. *Journal of adolescence*, 26(1), 63-78. [https://doi.org/10.1016/s0140-1971\(02\)00116-1](https://doi.org/10.1016/s0140-1971(02)00116-1)
- Fogarty, K., & Evans, G. D. (2009). *The Hidden Benefits of Being an Involved Father*. EDIS.
- Gomes, A. J. S., & Resende, V. R. (2004). O pai presente: O desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20, 119-125. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722004000200004>

- Gaunt, R. (2006). Biological essentialism, gender ideologies, and role attitudes: What determines parents' involvement in childcare. *Sex Roles: A Journal of Research*, 55(7-8), 523–533. <https://doi.org/10.1007/s11199-006-9105-0>
- Grant, W. H. (2001). A maternidade, o trabalho e a mulher. *Proceedings of III Colóquio do Lepsi IP/FE-USP*. São Paulo. Recuperado em 9 Jan. 2010, em http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000032001000300008&lng=en&nrm=abn
- Guendouzi, J. (2006). "The Guilt Thing": Balancing Domestic and Professional Roles. *Journal of Marriage and Family*, 68 (4), 901–909. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2006.00303.x>
- Hays, S. (1996). *The Cultural Contradictions of Motherhood*. New Haven & London.
- Henderson, A., Harmon, S., & Newman, H. (2016). The price mothers pay, even when they are not buying it: Mental health consequences of idealized motherhood. *Sex Roles*, 74(11), 512–526. <https://doi.org/10.1007/s11199-015-0534-5>
- Hofferth, S., Pleck, J., Stueve, J.L., Binachi, S., & Sayer, L. (2002). The Demography of Fathers: What Fathers Do. In C. Tamis-LeMonda & N. Cabrera (Eds.), *Handbook of Father Involvement* (pp. 63-90). Lawrence Earlbaum Associates.
- Lamb, M. E. (2010). *The role of the father in child development*. John Wiley & Sons Inc.
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1985). Paternal Behavior in Humans, *American Zoologist*, 25, 883-894.
- Lamb M. E., Pleck, J.H., Charnov, E.L., & Levine, J.A. (1987). A biosocial perspective on paternal behavior and involvement. In J. B. Lancaster, Altmann J., Rossi A.S. & Sherrod L. R. (Eds.), *Parenting across the lifespan: Biosocial dimensions* (pp. 111–142). Aldine Publishing Co.
- Lamb, M. E., & Tamis-LeMonda, C. S. (2004). The Role of the Father: An Introduction. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (pp. 1–31). John Wiley & Sons Inc.
- Lamour, M., & Barraco, M. (1998). *Souffrances autour du berceau*. Gaëtan Morin éditeur.
- Le Vigouroux, S., Scola, C., Raes, M.-E., Mikolajczak, M., & Roskam, I. (2017). The big five personality traits and parental burnout: Protective and risk factors. *Personality and Individual Differences*, 119, 216–219. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2017.07.023>

- Liss, M., Schiffrin, H. H., & Rizzo, K. M. (2013b). Maternal guilt and shame: The role of self-discrepancy and fear of negative evaluation. *Journal of Child and Family Studies*, 22(8), 1112–1119. <https://doi.org/10.1007/s10826-012-9673-2>
- Liss, M., Schiffrin, H. H., Mackintosh, V. H., Miles-McLean, H., & Erchull, M. J. (2013a). Development and validation of a quantitative measure of intensive parenting attitudes. *Journal of Child and Family Studies*, 22(5), 621–636. <https://doi.org/10.1007/s10826-012-9616-y>
- Mahler, M. S. (1993). *O nascimento psicológico da criança: simbiose e individuação*. Artes Médicas.
- Marsiglio, W., Amato, P., Day, R. D., & Lamb, M. E. (2000). Scholarship on fatherhood in the 1990s and beyond. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 1173-1191. doi:10.1111/j.1741-3737.2000.01173.x
- McWayne C., Downer J. T., Campos R., Harris R. D. (2013). Father involvement during early childhood and its association with children's early learning: a meta-analysis. *Early Educational Development*, 24, 898–922. <https://doi.org/10.1080/10409289.2013.746932>
- Mikolajczak M., Brianda M. E., Avalosse H., & Roskam I. (2018a). Consequences of parental burnout: its specific effect on child neglect and violence. *Child Abuse & Neglect*, 80, 134–145. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2018.03.025>
- Mikolajczak, M., Raes, M.-E., Avalosse, H., & Roskam, I. (2018b). Exhausted parents: Sociodemographic, child-related, parent-related, parenting and family-functioning correlates of parental burnout. *Journal of Child and Family Studies*, 27(2), 602–614. <https://doi.org/10.1007/s10826-017-0892-4>
- Monte, L. M. (2017). Fertility Research Brief," Current Population Reports, P70BR-147, Março 2017.
- Morgenroth, T., & Heilman, M. E. (2017). Should I stay or should I go? Implications of maternity leave choice for perceptions of working mothers. *Journal of Experimental Social Psychology*, 72, 53–56. <https://doi.org/10.1016/j.jesp.2017.04.008>
- Mozzato, A. R., & Grzybovski, D. (2011). Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da Administração: potencial e desafios. *Revista de Administração Contemporânea*, 15(4), 731-747.

- Newman, H., & Henderson, A. (2014). The modern mystique: Institutional mediation of hegemonic motherhood. *Sociological Enquiry* 84(3), 472–491. <https://doi.org/10.1111/soin.12037>
- Okimoto, T. G., & Heilman, M. E. (2012). The “bad parent” assumption: How gender stereotypes affect reactions to working mothers. *Journal of Social Issues*, 68(4), 704–724. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.2012.01772.x>
- Palkovitz, R. (1997). Reconstructing "involvement": Expanding conceptualizations of men's caring in contemporary families. In A. J. Hawkins & D. C. Dollahite (Eds.), *Generative fathering: Beyond deficit perspectives* (pp. 200–216). Sage Publications, Inc.
- Parke, R. (1998). *El papel del padre*. Morata.
- Parker K., & Wang W. (2013). *Modern Parenthood: Roles of Moms and Dads Converge as They Balance Work and Family*. Pew Research Center.
- Phoenix, A., & Woollett, A. (1991). Motherhood: Social construction, politics and psychology. In A. Phoenix, A. Woollett, & E. Lloyd (Eds.), *Motherhood: Meanings, practices and ideologies* (pp. 13–27). Sage Publications, Inc.
- Pleck, J. H. (1997). Paternal involvement: Levels, sources, and consequences. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (pp. 66–103). John Wiley & Sons Inc..
- Pleck, J. H. (2010). Paternal involvement: Revised conceptualization and theoretical linkages with child outcomes. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (pp. 58–93). John Wiley & Sons Inc.
- Pleck, J. H., & Masciadrelli, B. P. (2004). Paternal Involvement by U.S. Residential Fathers: Levels, Sources, and Consequences. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (pp. 222–271). John Wiley & Sons Inc..
- Puhlman, D. J., & Pasley, K. (2013). Rethinking maternal gatekeeping. *Journal of Family Theory & Review*, 5(3), 176–193. <https://doi.org/10.1111/jftr.12016>
- Ribeiro, J. L., & Sousa, M. (2002). Vinculação e comportamentos de saúde: Estudo exploratório de uma escala de avaliação da vinculação em adolescentes [Attachment and health behaviors: Exploratory study of the Adolescent Attachment Questionnaire]. *Análise Psicológica*, 20(1), 67–75.
- Roskam, I., Raes, M.-E., & Mikolajczak, M. (2017). Exhausted parents: Development and preliminary validation of the parental burnout inventory. *Frontiers in Psychology*, 8, Article 163. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.00163>

- Rotkirch, A., & Janhunen, K. (2010). Maternal guilt. *Evolutionary Psychology*, 8(1), 90–106. <https://doi.org/10.1177/147470491000800108>
- Schoppe- Sullivan, S. J., McBride, B. A., & Ho, M. R. (2004). Unidimensional Versus Multidimensional Perspectives on Father Involvement. *Fathering: A Journal of Theory, Research, and Practice About Men As Fathers*, 2, 147-163.
- Tamis-LeMonda, C. S., & Cabrera, N. (Eds.). (2002). *Handbook of father involvement: Multidisciplinary perspectives*. Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Tamis-Le Monda, C. S., Jacqueline, D. S., Natasha, J. C., & Michael, E. L. (2004). Fathers and Mothers at Play with Their 2- and 3-Year-Olds: Contributions to Language and Cognitive Development. *Child Development*, 75 (6), 1806-1820. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2004.00818.x>
- Thompson, L., & Walker, A. J. (1991). Gender in Families: Women and Men in Marriage, Work, and Parenthood. In A. Booth (Ed.), *Contemporary families: Looking forward, looking back* (pp. 76-102). Minneapolis, MN: National Council on Family Relations.
- Turner, J. C., Hogg, M. A., Oakes, P. J., Reicher, S. D., & Wetherell, M. S. (1987). *Rediscovering the social group: A self-categorization theory*. Basil Blackwell.
- UNICEF (2017). Standards for ECD parenting programmes in low and middle income countries. UNICEF.
- Verjus, A., & Boisson, M. (2005). Le parent et le couple au risque de la parentalité. *Informations sociales*, 122(2), 130-135.
- Walsh, K., McCormack, C. A., Webster, R., Pinto, A., Lee, S., Feng, T., ... Monk, C. (2019). Maternal prenatal stress phenotypes associate with fetal neurodevelopment and birth outcomes. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 116, 23996–24005. <https://doi.org/10.1073/pnas.1905890116>
- Wood, J. J., & Repetti, R. L. (2004). What Gets Dad Involved? A Longitudinal Study of Change in Parental Child Caregiving Involvement. *Journal of Family Psychology*, 18 (1), 237–249. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.18.1.237>

Anexos

Anexo 1

Conjunto de perguntas utilizadas para trabalho qualitativo sobre parentalidade!

- 01- O que significa para si ser uma "boa mãe"?
- 02- O que significa para si ser uma "má mãe"?
- 03- Quando pensa em características de uma boa mãe, que características lhe surgem imediatamente?
- 04- O que significa para si ser um "bom pai"?
- 05- O que significa para si ser um "mau pai"?
- 06- Quando pensa em características de um bom pai, que características lhe surgem imediatamente?
- 07- Na sua opinião, como deve uma mãe comunicar com os filhos?
- 08- Na sua opinião, como deve um pai comunicar com os filhos?
- 09- O que acha de si enquanto mãe/pai?
- 10- O que acha do outro progenitor enquanto pai/mãe?
- 11- Se voltasse a ser mãe/pai, o que faria e/ou mudaria?
- 12- Acha que as mães atualmente se sentem pressionadas para serem “mães perfeitas”? Se sim, porquê?
- 13- Acha que os pais atualmente se sentem pressionados para serem “pais perfeitos”? Se sim, porquê?
- 14- Sente-se ou já se sentiu criticada/o no seu papel de mãe/pai? Por quem e em relação a quê?
- 15- Costuma criticar-se a si própria/a enquanto mãe/pai? Em relação a quê?
- 16- Já deu por si a criticar outras mães? Em relação a quê?
- 17- Já deu por si a criticar outros pais? em relação a quê?